

ADOLESCÊNCIA

Desafios e Riscos

Coordenação de

Teresa Medeiros

Ponta Delgada

2013

FICHA TÉCNICA

Título	ADOLESCÊNCIA: DESAFIOS E RISCOS
Coordenação	Teresa Medeiros
Autores	Vários
Edição	© Letras Lavadas edições
Capa	© Letras Lavadas edições Pintura de Fátima Madruga
Coleção	Psicologia e Educação 3
Depósito Legal	362095/13
ISBN	978-989-735-027-6
Data de Saída	1ª edição, dezembro de 2013
Tiragem	150 exemplares
Forma de citação	Medeiros, T. (Coord.) (2013). <i>Adolescência: Desafios e riscos</i> . Coleção Psicologia e Educação, 3. Ponta Delgada; Letras Lavadas edições.
Execução Gráfica	Nova Gráfica, Lda. Rua da Encarnação, 21 – Pastinhos, Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada S. Miguel – Açores
Obras publicadas	Coleção Psicologia e Educação 1 <i>Aditologia: prevenção e intervenções</i> 2 <i>Envelhecer e conviver</i> , 1ª e 2ª edição

Índice

Prefácio	17
<i>Carlos Amaral Dias</i>	
Nota prévia	21
<i>Teresa Medeiros</i>	
I. DA ADOLESCÊNCIA ÀS ADOLESCÊNCIAS POSSÍVEIS	25
CAPÍTULO 1	
O conceito de adolescência revisitado	27
<i>Teresa Medeiros</i>	
CAPÍTULO 2	
Adolescentes e desenvolvimento positivo: para uma abordagem inovadora da adolescência	47
<i>Teresa Freire & Eliana Silva</i>	
CAPÍTULO 3	
Geração y no Brasil? Uma análise crítica a partir da pesquisa da juventude brasileira	71
<i>Luciana Dutra-Thomé, Angelo Brandelli Costa & Silvia Helena Koller</i>	
II. POLÍTICAS, INTERCULTURALIDADE E CIDADANIA	89
CAPÍTULO 4	
Políticas de juventude nos Açores: uma reflexão em torno da condição da(s) juventude(s) (pós)moderna(s)	91
<i>Pilar Damião de Medeiros & Maria de Fátima Senra Estrela</i>	
CAPÍTULO 5	
Acolher e trabalhar com jovens entre culturas: contextos e competências interculturais	107
<i>Natália Ramos</i>	

CAPÍTULO 6	
Adolescência e educação para a cidadania	137
<i>Natércia Cabral, Teresa Medeiros & Josélia Fonseca</i>	
III. DESENVOLVIMENTO FÍSICO, CORPO E IMAGEM	159
CAPÍTULO 7	
Da puberdade à adolescência: desenvolvimento físico, fisiológico e sexual	161
<i>Nuno Maciel & Óscar Rebelo</i>	
CAPÍTULO 8	
Autoimagem e satisfação corporal na adolescência.....	183
<i>Débora Rodrigues, Carolina Teves & Teresa Medeiros</i>	
CAPÍTULO 9	
Adolescentes: o corpo, a sexualidade e a educação sexual.....	209
<i>Sandra Dias, Lúcia Ramiro, Marta Reis & Margarida Gaspar de Matos</i>	
IV. CONTEXTOS, RELAÇÕES E DESAFIOS	235
CAPÍTULO 10	
Relações de vinculação na adolescência.....	237
<i>Carla Faria, Vânia Sousa Lima & Isabel Soares</i>	
CAPÍTULO 11	
O adolescente e a família: autonomia ou autonomias?	269
<i>Maria João Beja & Maria da Glória Franco</i>	
CAPÍTULO 12	
Adolescentes, internet e famílias: que desafios?.....	285
<i>Pilar Melo</i>	
CAPÍTULO 13	
Saúde e qualidade de vida na adolescência: estudo com adolescentes de escolas públicas	319
<i>Adriana Oliveira, Quésia Kamimura & Guilherme Carvalho</i>	

CAPÍTULO 14	
Motivação e desmotivação para a matemática: um estudo com adolescentes brasileiros	339
<i>José Aloyseo Bzuneck & Sueli Édi Rufini</i>	
V. RISCOS E SOFRIMENTO PSICOLÓGICO	361
CAPÍTULO 15	
Trastornos de ansiedad en la infancia y la adolescencia	363
<i>Juan José Miguel-Tobal & M. Teresa Orozco Alonso</i>	
CAPÍTULO 16	
Adolescencia y ciberconducta: los retos y los riesgos	399
<i>Rosario Ortega-Ruiz, José A. Casas & Rosario Del Rey</i>	
VI. DA ADOLESCÊNCIA À ADULTEZ EMERGENTE	417
CAPÍTULO 17	
Mudanças psicossociais na transição da adolescência para a adultez emergente em contexto de ensino superior	419
<i>Joaquim Armando Ferreira, Sofia Silva & António Gomes Ferreira</i>	
CAPÍTULO 18	
Desenvolvimento e aprendizagem na transição da adolescência para a adultez emergente: do ensino secundário ao ensino superior	451
<i>Ermelindo Peixoto</i>	

CAPÍTULO 10

Relações de vinculação na adolescência

Carla Faria, Vânia Sousa Lima & Isabel Soares

Resumo

A qualidade da relação de vinculação que o adolescente foi construindo, ao longo da sua existência, com as figuras parentais tem impacto na sua trajetória desenvolvimental. Nesta linha, ao longo do capítulo serão analisados três aspetos centrais do funcionamento relacional na adolescência a partir da matriz conceptual da teoria da vinculação: (1) relações com os pais; (2) relações com os pares; e (3) relações amorosas. A teoria e investigação neste domínio parecem evidenciar a relevância da qualidade da vinculação para o modo como o adolescente (re)constrói as relações com outros significativos, constituindo-se, assim, a adolescência como um período único de preparação para a vida adulta, ancorado na qualidade das relações interpessoais.

Abstract

The quality of the adolescent's attachment relations with parents plays a crucial role throughout developmental trajectory. With this assumption, this chapter addresses three core domains of adolescents' relational functioning in light of attachment theory: (1) relationships with parents; (2) relationships with peers; and (3) romantic relationships. Theory and research in this field highlight the core role of attachment organization on adolescents' ability to (re)construct relationships with significant others, emphasizing adolescence as a matchless period on preparing adult life, based upon the quality of interpersonal relationships.

Introdução

There is a strong causal relationship between an individual's experiences with his parents and his later capacity to make affectional bonds
(Bowlby, 1979, p. 135)

No quadro da teoria da vinculação desenvolvida por Bowlby (1968, 1973, 1980), a qualidade das relações do adolescente com outros significativos é concebida como estando relacionada com a qualidade das relações mais precoces estabelecidas com as principais figuras de prestação de cuidados, comumente os pais, que se constituíram como figuras de vinculação.

Ao longo da infância podem ser encontrados comportamentos de sinalização de desconforto e de procura de proximidade, por exemplo, pelo choro ou contacto visual, face a uma figura adulta capaz de suprir necessidades e de repor a segurança necessária para que a criança seja capaz de retomar a exploração. No primeiro ano de vida, no contexto das interações com as figuras prestadoras de cuidados, os comportamentos de vinculação organizam-se num sistema de vinculação que cumpre como funções centrais a proteção e regulação emocional. Além disso, a partir dessas interações na infância, constroem-se representações sobre o *self* enquanto (não) merecedor de cuidados e das figuras de vinculação e outras relações enquanto (não) disponíveis e capazes de suprir as suas necessidades. Estas representações, que Bowlby (1973, 1979) designou de modelos internos dinâmicos, constituem-se como guias de interpretação da experiência e de orientação da ação, permitindo que o indivíduo decida sobre que comportamento adotar relativamente a uma dada figura, antecipe a sua resposta e, neste sentido, opere de modo mais eficiente (Soares, 1996, 2002). Os modelos internos dinâmicos de natureza cognitivo-emocional evoluem, ao longo do desenvolvimento, de um nível comportamental, inscrito na relação da criança com as suas figuras de vinculação, para o nível representacional.

Em jovens e adultos, a avaliação da representação da vinculação poderá ser levada a cabo através da *Adult Attachment Interview* (AAI; George, Kaplan, & Main, 1984), a qual permite identificar três organizações de vinculação (Main & Goldwyn, 1984/1998) designadas: segura/autónoma, insegura/preocupada e insegura/desligada.

As narrativas de indivíduos classificadas como seguras caracterizam-se pela valorização da vinculação, coerência, flexibilidade e abertura para refletir sobre a vinculação, não negando experiências negativas com os pais, mas aceitando-as e integrando-as como parte da sua história desenvolvimental. Em contraste, uma organização insegura reflecte-se em narrativas pouco coerentes, com dissonância entre a representação mental das suas experiências de vinculação e as memórias episódicas que as sustentam. Especificamente, a organização de tipo insegura/preocupada revela emaranhamento discursivo, confusão e elevada ativação (frequentemente expressa por raiva, passividade ou irritação) relativamente às experiências de vinculação, denotando dificuldade na tomada de perspectiva crítica ou na autoavaliação e comprometendo o desenvolvimento identitário. Por seu turno, os indivíduos com uma organização insegura/desligada tendem a recorrer a estratégias de desativação do sistema de vinculação (Bowlby, 1980), revelando-se incapazes de recordar episódios ilustrativos das apreciações globais que fazem, normalizando e/ou desvalorizando a relevância das relações vinculação e minimizando o seu envolvimento emocional.

Waters e Waters (2006) sublinham a relevância do constructo de modelos internos dinâmicos aos considerar que, enquanto organizadores mentais da experiência, permitem a compreensão dos seus efeitos longitudinais no desenvolvimento, nomeadamente no que concerne à qualidade da relação estabelecida na adolescência com os pais, pares e companheiros amorosos. Estes tópicos serão alvo de análise ao longo deste capítulo.

1. Relações parentais na adolescência

A adolescência é o primeiro momento do ciclo de vida em que as relações de vinculação com os pais sofrem transformações mais profundas e significativas, constituindo-se *per se* como uma tarefa crucial neste período desenvolvimental (Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2007). Como salientam Kobak e Duemmler (1994), uma das características mais importantes das relações de vinculação estabelecidas entre adolescentes e os seus pais é o seu potencial para se tornarem cada vez mais orientadas/corrigidas por objectivos. Decorrente dos ganhos desenvolvimentais ocorridos em outros domínios ou dimensões do seu funcionamento, nomeadamente no domínio cognitivo, o adolescente alarga e complexifica as suas competências comunicacionais e de tomada de perspectiva, o que viabiliza que, quer o adolescente quer os pais, possam modificar (ou corrigir/ajustar) os seus comportamentos de vinculação em função dos seus interesses e necessidades, num processo de negociação contínuo. Este mecanismo permite a satisfação das necessidades de vinculação do adolescente que se encontram nesta fase em permanente evolução, bem como equilibrar este aspeto com a satisfação das necessidades dos outros. Ainda segundo os mesmos autores, esta natureza da relação de vinculação pais-adolescente (corrigida por objetivos) proporciona o contexto essencial para compreender uma das mudanças mais importantes e interessantes da adolescência apontada pela literatura e pela investigação – a diminuição progressiva dos pais enquanto figuras de vinculação. Efetivamente, existem claras evidências no âmbito da teoria da vinculação sobre o que vários autores designam de distanciamento/afastamento emocional dos pais (Allen, 2008; Allen & Land, 1999; Collins & Repinski, 1994; Scharf & Mayseless, 2007). Assim, ao longo da adolescência verifica-se que, progressivamente, o adolescente recorre cada vez menos aos pais enquanto figuras de vinculação, ou seja, parece existir uma tendência para que o adolescente se distancie dos seus pais e evite (mesmo intencionalmente) recorrer a eles em momentos de necessidade. Neste sentido são verificadas mudanças na relação em termos de proximidade emocional (Ammaniti, Van

Ijzendoorn, Speranza, & Tambelli, 2000; Scharf, Maysseles, & Kivenson-Baron, 2004), expressão de afeto (Collins & Repinski, 2001), quantidade de tempo que pais e filhos passam juntos (Larson, Richards, Monneta, Holmbeck, & Duckett, 1996), e aumento da necessidade de privacidade por parte do adolescente (Steinberg & Silk, 2002).

Uma questão que vários investigadores têm levantado refere-se à razão subjacente a este afastamento emocional do adolescente face aos pais enquanto figuras de vinculação. Será que esta mudança/transformação na relação serve alguma função adaptativa? Ou é o resultado de outras mudanças desenvolvimentais específicas da adolescência? Na perspetiva de Allen (2008), a necessidade premente do adolescente por autonomia poderá relacionar-se com a transformação na relação de vinculação adolescente-pais. Assim, durante toda a infância a relação com os pais representou, na maioria dos casos, a principal fonte de segurança, suporte e proteção para a criança. Os pais foram as primeiras e principais figuras a quem a criança recorreu sempre que se sentiu ameaçada, insegura e, portanto com quem estabeleceu uma relação emocionalmente próxima. No entanto, com a entrada na adolescência, o adolescente vê-se confrontado com a necessidade de conquistar uma maior autonomia face aos pais, o que pode representar um conflito/ameaça face ao sistema de vinculação. Na perspetiva da teoria da vinculação, o que poderá acontecer na adolescência é que este processo de construção de autonomia provoca um choque entre as necessidades de suporte parental em momentos de maior exigência e *stress* decorrentes do confronto com as tarefas desenvolvimentais da adolescência, e a necessidade/exigência de exploração que a realização destas tarefas desenvolvimentais exige (tensão entre sistema de vinculação e sistema de exploração). No entanto, sem esta exploração a realização das tarefas desenvolvimentais da adolescência, e mesmo da juventude, será muito difícil, comprometendo a qualidade da trajetória desenvolvimental (Allen, 2008). Globalmente, este conflito/tensão entre vinculação e exploração é similar ao que acontece na infância no entanto, de acordo com vários autores, na adolescência a pressão para a autonomia pode ser mais constante e, por isso, em competição direta com o sistema de vinculação

comparativamente à infância (Allen & Land, 1999; Allen, Moore, & Kuperminc, 1997; Scharf & Maysseless, 2007; Steinberg, 1990). Assim, o desafio nuclear é encontrar um equilíbrio entre os comportamentos de vinculação face aos pais e as necessidades de exploração do adolescente (no sentido da autonomia). Neste sentido, o aumento da competência do adolescente contribui para a diminuição da frequência e intensidade com que recorre aos pais enquanto figuras de vinculação, assim como contribui para a construção de um sentimento de maior mestria, promovendo ainda mais a ativação do sistema de exploração o que, por sua vez, concorre para a ampliação dos movimentos de exploração e, por inerência, de diminuição dos de vinculação face às figuras parentais.

Esta ideia de que o distanciamento emocional e comportamental face aos pais decorre ou está ao serviço do desenvolvimento da individualização e auto-confiança é corroborada por outros autores como é o caso de Scharf e Maysseless (2007) que defendem que uma dependência duradoura do adolescente relativamente aos pais pode comprometer o funcionamento individual a médio e longo prazo, dificultando, ou impedindo, que o adolescente aprenda a cuidar de si. Tal envolve um processo de individualização psicológica e instrumental relativamente às figuras de vinculação, no sentido de o adolescente poder exprimir e incrementar a sua capacidade individual de resolver problemas e lidar com situações problemáticas e exigentes. Nesta linha inscreve-se a conceptualização de Hartup e Laursen (1999) das relações enquanto contextos (promotores) de desenvolvimento individual, ao viabilizarem ao adolescente movimentos de exploração de si e do mundo, construindo a sua autonomia no contexto da relação com os pais.

Allen (2008) aponta ainda um outro efeito relevante decorrente deste equilíbrio entre vinculação e exploração/autonomia específico ou característico da adolescência: o aumento da capacidade para re-avaliar a natureza da relação de vinculação com os pais. Este é claramente um aspeto muito importante e marca uma viragem no funcionamento individual do ponto de vista da vinculação entre a infância e a vida adulta. Assim, associado ao aumento da autonomia, o adolescente reduz claramente a

necessidade de monitorizar a disponibilidade e responsividade dos pais face às suas necessidades de vinculação (Kobak & Cole, 1994). Main e colaboradores (Main & Goldwyn, 1984; Main, Goldwyn, & Hesse, 2003) referem-se a esta liberdade cognitiva e emocional como “espaço epistémico”, que permite ao adolescente avaliar de um modo mais objetivo os seus pais enquanto figuras de vinculação. Neste sentido, a crescente autonomia tenderá a ser acompanhada por uma maior distância emocional, necessária para que as capacidades cognitivas emergentes na adolescência (pensamento formal) possam potenciar a re-avaliação da natureza e qualidade da relação de vinculação com os pais. Este processo, por sua vez, pode revelar-se fundamental para a resolução de dificuldades na relação de vinculação adolescente-pais de forma a permitir que desenvolva relações seguras com os outros no futuro, ao possibilitar-lhe rever, analisar e reconstruir a sua organização mental relativa à vinculação (Allen & Land, 1999; Peaeson, Cohn, Cowan, & Cowan, 1994).

No entanto, apesar de os adolescentes aumentarem claramente os seus comportamentos de exploração e diminuírem os comportamentos de vinculação face às suas figuras de vinculação principais (pais), a grande maioria dos adolescentes desfrutam de relações calorosas e próximas com os pais, necessitam do seu respeito e apreço/validação, e em situações de *stress* continuam a recorrer aos pais enquanto figuras de vinculação importantes (Scharf & Mayselles, 2007; Steinberg, 1990; Zarit & Eggebeen, 2002). Este distanciamento emocional não significa, pois, rompimento da relação de vinculação com os pais (Ainsworth, 1991). O que parece acontecer ao longo da adolescência é que o adolescente redefine e reorganiza a qualidade da relação de vinculação com os pais no sentido de a tornar mais igualitária e recíproca, mas claramente não abandona os pais enquanto figuras de vinculação. Alguns autores defendem mesmo que após o adolescente ser bem-sucedido em (a) diminuir o investimento emocional na relação com os pais, (b) estabelecer novas relações fora da família, e (c) provar que é capaz de funcionar de um modo independente, então, poderá novamente estar disponível/recetivo a aproximar-se ativamente dos pais (Scharf & Mayselles, 2007). Não obstante se assuma como inequívoca

característica das relações de vinculação entre o adolescente e os pais neste período desenvolvimental o balanceamento entre autonomia emocional e maximização do suporte auferido (Schneider & Younger, 1996), a extensão na qual a importância e intensidade da relação de vinculação com os pais diminui, assim como a extensão na qual o adolescente e/ou jovem adulto volta a recorrer ativamente aos pais é muito variável. Muito provavelmente depende de diferenças individuais, mas também de influências do contexto social, cultural, ecológico e histórico (Belsky, 1999; Scharf & Mayseless, 2004).

A qualidade da organização da vinculação reflete diferenças nas representações do *self*, dos outros e das relações, assim como nas expectativas face ao próprio e aos outros nas relações, para além de diferenças em termos de competências e capacidades individuais ao nível da regulação emocional e socialização, sendo todos estes aspetos centrais para lidar com as exigências associadas às tarefas desenvolvimentais específicas de cada período de vida. Neste sentido, e no que se refere às transformações nas relações adolescente-pais, a investigação tem verificado que adolescentes com um padrão de vinculação seguro apresentam recursos, competências e contextos familiares adequados para lidar com as tarefas desenvolvimentais desta fase. Assim, a segurança da vinculação tem sido associada à capacidade de equilibrar autonomia e proximidade na relação com os pais (Allen, Hauser, Bell, & O'Connor, 1994; Allen et al., 2003; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming, & Gamble, 1993). Por outro lado, a vinculação segura foi positivamente associada com a não idealização da figura materna por parte do adolescente e com suporte materno adequado (Allen et al., 2003). Outros estudos têm reunido evidências que sugerem que adolescentes seguros são mais competentes na gestão dos conflitos com os pais, envolvendo-se em discussões em que ambas as partes têm a oportunidade de expressar as suas posições (pensamentos, sentimentos, necessidades) e em que se verifica uma procura ativa de soluções para os desacordos (Hershenberg, Davila, Yneda, Starr, Millers, Stroud & Feinstein, 2010), de modo a conseguir, por um lado, respeitar a sua necessidade de maior autonomia e, ao mesmo tempo, preservar uma relação positiva

com os pais (Allen, 2008), balanceando necessidades de cariz individual e relacional. Alguns estudos verificaram, por outro lado, que os pais de adolescentes seguros apresentam uma maior sensibilidade face aos estados emocionais dos seus filhos adolescentes, o que pode também contribuir para um ambiente facilitador de uma comunicação clara, de confiança e aberta (Allen et al., 2003; Becker-Stoll, Delius, & Scheitenberger, 2001).

Já os adolescentes com um padrão de vinculação preocupado relatam mais sentimentos de *stress* com a família e relações mais negativas com os pais, no entanto registam um número superior de contatos com os pais comparativamente a adolescentes seguros (Bernier, Larose, & Whipple, 2005). Num outro estudo em que foi avaliada a capacidade de adaptação e funcionamento de raparigas adolescentes ao serviço militar obrigatório em Israel, verificou-se que as que apresentavam um padrão preocupado relatavam níveis superiores de *stress*, bem como níveis inferiores de bem-estar, ajustamento emocional e compromisso com o serviço militar. Ao mesmo tempo estas adolescentes eram percebidas pelas mães como tristes, stressadas, com problemas de funcionamento diários e com níveis elevados de problemas sociais (Scharf & Mayselles, 2005). No que se refere aos estudos sobre a comunicação adolescente-pais, os resultados sugerem que adolescentes preocupados tendem a envolver-se em discussões muito intensas e não produtivas que acabam por “minar” a autonomia do adolescente. Ao mesmo tempo estes adolescentes tendem a sobredimensionar os problemas no âmbito das suas relações familiares, o que por sua vez condiciona o adolescente na construção da sua autonomia, pois acaba por ficar excessivamente emaranhado e preso às dificuldades nas relações com os pais (Allen & Land, 1999).

De acordo com alguns investigadores, os estudos com adolescentes com padrão de vinculação desligado são menos claros, por exemplo, relatam relações mais distantes e níveis reduzidos de suporte por parte da família comparativamente a adolescentes seguros (Kobak & Sceery, 1988). Já do ponto de vista da comunicação, esta é pobre e superficial (Berger, Jodl, Allen, McElhaney, & Kuperminc, 2005), as discussões adolescente-pais resolvem-se de forma pouco produtiva, em que o adolescente tende a

evitar soluções negociadas, inibir a expressão emocional, adotando como estratégia mais frequente a retirada (Allen & Land, 1999; Becker-Stoll, Delius, & Schneitenberger, 2001).

Considera-se, assim, que o “espaço epistêmico” verificado na adolescência e que viabiliza a re-avaliação da relação do próprio com os seus pais tende a ser mais adaptativamente potenciado por adolescentes avaliados como seguros, dado que os adolescentes avaliados como inseguros terão maior dificuldade em realizar esta tarefa, muito provavelmente por os seus modelos internos dinâmicos serem pautados pela inflexibilidade e defensividade decorrente da exclusão seletiva da informação, inviabilizando a adoção de comportamentos não defensivos na interação com os pais e, deste modo, reificando padrões comportamentais geradores de insegurança (Crittenden, 1992; Kobak & Duemmler, 1994).

2. Relação com os pares na adolescência

Se do ponto de vista da vinculação a adolescência se caracteriza pelo distanciamento emocional relativamente aos pais enquanto figuras de vinculação, este período do desenvolvimento é igualmente caracterizado por um processo complementar no que se refere aos pares. Efetivamente, as relações com os pares vão-se fortalecendo em termos de intimidade, reciprocidade, proximidade e apoio emocional e instrumental, podendo mesmo algumas transformarem-se em relações de vinculação que assumem muitas das funções que as relações com os pais cumpriam até então (Collins & Steinber, 2006). Para Allen (2008), uma tarefa desenvolvimental central da adolescência do ponto de vista da vinculação envolve a construção de novas relações de vinculação que introduzem mudanças claras na hierarquia das figuras de vinculação. Neste sentido, e de acordo com Rosenthal e Kobak (2010), progressivamente, os pais deixam de ser as figuras de vinculação no topo desta hierarquia, enquanto figuras preferenciais e principais, para acorrer gradualmente uma transferência, sendo essa posição ocupada pelos pares. Importa, no entanto, reforçar que

os pais se mantêm como figuras de vinculação de reserva (Weiss, 1982), às quais o adolescente recorre sempre que as figuras principais não estão disponíveis, ou a natureza ou intensidade da situação o exigem.

A investigação nesta área tem reunido evidências que sugerem que durante a adolescência a percepção dos pais como principais fontes de suporte declina, e a percepção de suporte por parte dos pares aumenta (Collins & Steinberg, 2006; Hazan & Zeifman, 1994), fazendo sentido considerar que as relações que o adolescente estabelece com os pares se assumem como exercícios de autonomia face às figuras parentais, identificando os amigos como proporcionando um nível, ou tipo de suporte, similar ou até superior ao disponibilizado pelos pais (Furman & Buhrmester, 1992; Scholte, Van Lieshout, & Van Aken, 2001). Neste âmbito, as amizades entre adolescentes são caracterizadas por lealdade, intimidade, abertura e proximidade, proporcionando segurança e otimizando a regulação emocional em situações de *distress*, ou seja, integram algumas das características específicas das relações de vinculação (Furman & Buhrmester, 1992). Por outro lado, os adolescentes tendem a expressar comportamentos de procura de proximidade e mal-estar face à separação de certos amigos, sendo que estes comportamentos ajudam a assegurar-se da disponibilidade dos amigos face às suas necessidades e ao mesmo tempo asseguram a exclusividade de relações de amizade específicas. Por fim, os adolescentes tendem a sentir-se mais seguros e confiantes para explorar certos aspetos do seu mundo, em particular do mundo relacional, na companhia dos seus amigos próximos (Scharf & Mayseless, 2007).

De acordo com Allen (2008) na fase intermédia da adolescência a relação com os pares começa a assumir muitas das funções importantes que este tipo de relação assumirá ao longo do ciclo de vida, nomeadamente: fonte de intimidade, de *feedback* relativo ao comportamento social, de influência e informação social e também de vinculação e pertença (Ainsworth, 1989; Collins & Laursen, 2000; Gavin & Furman, 1989, 1996; Hartup, 1992).

Apesar da centralidade das relações com os pares na adolescência, importa discutir até que ponto muitas destas relações poderão ser consideradas relações de vinculação. No âmbito da teoria da vinculação é

assumido, genericamente, que uma relação de vinculação é caracterizada por cinco componentes específicas que a permitem distinguir de outro tipo de relações interpessoais: (1) procura de proximidade; (2) protesto face à separação; (3) satisfação no re-encontro; (4) mal-estar face à perda; e (5) base segura (Ainsworth, 1989; Weiss, 1982). Paralelamente, Weiss (1991) identificou outros aspectos-chave da vinculação que considera que também se aplicam às relações de vinculação na adolescência, nomeadamente (1) especificidade da figura de vinculação na satisfação das necessidades de vinculação, e (2) persistência do comportamento de vinculação, mesmo quando a figura de vinculação não está disponível. Estes últimos elementos são reformulados posteriormente por Kobak, Rosenthal e Serwik (2005), ao salientarem que uma característica adicional às apontadas por Ainsworth e Weiss específica da adolescência e vida adulta é a existência de um compromisso duradouro que, de alguma forma, garanta a disponibilidade e responsividade da figura de vinculação em momentos de necessidade. Tendo em consideração estes componentes, a investigação tem procurado reunir evidências que permitam compreender até que ponto a relação adolescente-pares assume funções de vinculação. A resposta não é linear, no entanto o que parece claro à partida é que nem todas as relações entre adolescentes têm o potencial para se tornarem ou evoluírem no sentido de relações de vinculação, mas muitas poderão efetivamente tornar-se relações de vinculação. A este propósito Hazan e Zeifman (1994) propõem uma progressão desenvolvimental na transição entre figuras de vinculação e na aquisição por parte das relações com os pares das características/componentes que caracterizam uma relação de vinculação. No início da adolescência, as relações íntimas seriam marcadas pela procura de proximidade ou desejo de contacto físico com os pares (Fisher, 1992); progressivamente estes passam a ser procurados em momentos de necessidade ou perigo, isto é, a assumir a função de *safe haven* e, finalmente, na fase final da adolescência já se assumem como base segura (Crowell & Waters, 1994) que sustentam a exploração. O que este processo parece sugerir é que a transição entre figuras de vinculação (pais-pares) não é deliberada e automática sendo que, provavelmente, pela

importância nuclear que as relações de vinculação têm para a sobrevivência, o adolescente vai progressivamente construindo novas relações que gradualmente vão assumindo as características e funções que a relação de vinculação com os pais garantia, colocando em evidência o cariz duradouro subjacente ao estabelecimento de uma relação de vinculação. A este respeito, Hazan e colaboradores (1991) sugerem um tempo mínimo de dois anos para que tal ocorra, diferenciando as relações de vinculação das demais interações sociais que o adolescente estabelece. O aumento de tempo que os adolescentes passam com os seus pares pode constituir-se como facilitador do desenvolvimento de ingredientes essenciais para que algumas destas relações sociais evoluam para relações de vinculação, nomeadamente a confiança mútua, o conforto/suporte e a segurança. Já Collins e Van Dulmen (2006) sublinham que as relações de amizade são percebidas como a fonte mais importante de suporte durante o final da adolescência e início da juventude, e que a intimidade, mutualidade e *self-disclosure* com os amigos atinge o seu ponto mais alto nesta fase. Os amigos são frequentemente as figuras com quem os adolescentes preferem estar (procura de proximidade) e a quem recorrem em momentos de dificuldade (*safe haven*) (Collins & Van Dulmen, 2006; Kobak, Rosenthal, Zajac, & Madsen, 2007). Allen (2008), ao enfatizar o modo como o adolescente integra nas novas relações componentes de uma relação de vinculação, sustenta que a investigação em torno da vinculação na adolescência deve redirecionar o seu foco das *relações* de vinculação na adolescência para os *processos* de vinculação na adolescência. Deste modo, como salientam Scharf e Mayseless (2007), este processo normativo de aproximação dos adolescentes aos pares parece cumprir três funções específicas, sendo a primeira relacionada, precisamente, com esta dimensão da reciprocidade relacional. De acordo com os autores, o facto de o adolescente vivenciar com os pares relações que assumem funções de vinculação prepara o caminho para aprender, ensaiar e experienciar acerca de relações de vinculação mútuas e igualitárias, nas quais ambas as partes proporcionam e recebem cuidado, proteção e suporte, alternando nos papéis de figura de vinculação e figura vinculada. As relações recíprocas que os adolescentes

podem estabelecer com os seus pares são, por isso, fundamentais, para além de proporcionarem um contexto ótimo para o desenvolvimento das competências de prestação de cuidados, enquanto aspetos distintivos das relações de vinculação da vida adulta face à infância. Por outro lado, as relações com os pares permitem a experiencição, ao mesmo tempo que lançam as fundações e funcionam como "andaimes" para outro tipo de relações fundamentais na vida adulta – as relações amorosas (Allen & Land, 1999). As relações com os pares podem ser perspetivadas como um "contexto de prática" para o desenvolvimento de competências nucleares à construção de relações de vinculação simétricas típicas e fundamentais da vida adulta. As restantes funções apontadas por Scharf e Mayseless (2007) vêm apenas reforçar o que já foi referido ao longo deste capítulo, nomeadamente (1) ajudar os adolescentes a transformar as relações com os pais e, assim, estabelecer alguma autonomia emocional; e (2) permitir o alargamento do investimento emocional em diferentes figuras de vinculação, o que pode ser muito útil do ponto de vista desenvolvimental, uma vez que aumenta as possibilidades de suporte em situações de ameaça ou *stress*, podendo ter disponível mais do que uma figura de vinculação.

Em termos das diferenças individuais ao nível das relações com os pares, uma das evidências mais claras da investigação é a forte associação entre a qualidade da vinculação que o adolescente desenvolveu na infância com as suas principais figuras de vinculação e a qualidade das relações ulteriores com os pares (Priel, Mitrany, & Sahar, 1998). Assim, adolescentes com padrão de vinculação segura revelam-se mais confortáveis nas relações afetivas com os pares (Allen et al., 2007; Sroufe; Egeland, Carlson, & Collins, 2005; Weimer, Kerns, & Oldenberg, 2004; Zimmermann, 2004). Além disso, a segurança da vinculação tem sido associada a qualidades positivas das relações de amizade como proximidade, intimidade, uma conceção elaborada/complexa das relações de amizade, capacidade de regulação emocional em momentos de conflito com os amigos (Zimmermann, 2004) e a modelos internos dinâmicos seguros das relações com os amigos (Furman, Simon, Shaffer, & Boucher, 2002). Outros estudos mostraram que adolescentes seguros

apresentavam maior integração no grupo de pares e aceitação social (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998; Zimmermann, 2004) e maior capacidade para relações de amizade caracterizadas por maturidade e intimidade (Scharf, Mayseless, & Kivenson-Baron, 2004). Laible (2007) postula que o comportamento interpessoal adequado evidenciado por adolescentes avaliados como seguros decorre da elevada capacidade que os mesmos demonstram na identificação emocional, empatia e expressão de afeto positivo em contexto relacional, corroborando o defendido por Sroufe (1996) no que se refere às relações de vinculação enquanto viabilizadoras do desenvolvimento da regulação emocional. No que concerne à capacidade para um funcionamento autônomo e auto-confiante, adolescentes seguros foram considerados pelos seus pares como mais resilientes, menos ansiosos e hostis comparativamente a adolescentes inseguros e a segurança da vinculação estava associada ao aumento de competências sociais entre os 16 e os 18 anos (Allen et al., 2003; Kobak & Sceery, 1998; Zimmermann, 2004).

Adolescentes com uma organização de tipo desligado apresentam padrões de comunicação enviesados e expectativas negativas relativamente aos pares, o que contribui para o desenvolvimento de problemas/dificuldades nas relações interpessoais (Cassidy, Kirsh, Scolton, & Parke, 1996). Assim, o seu mal-estar e dificuldades nas relações interpessoais leva-os a manterem-se emocionalmente afastados dos pares impedindo que estas relações evoluam no sentido de relações de maior intimidade, transformando-se em verdadeiras relações de vinculação e, ao mesmo tempo, este padrão relacional faz com que os pares os considerem hostis e distantes (Larose & Bernier, 2001), inviabilizando recursivamente a reconstrução dos seus modelos relacionais.

Já adolescentes com padrão de vinculação preocupado, apesar dos resultados da investigação serem menos claros, apresentam por um lado um forte interesse e aparente investimento nas relações com os pares, devido em grande parte à sua acentuada necessidade de suporte e de se assegurar da disponibilidade dos pares. Mas por outro lado, apesar de demonstrarem uma orientação face aos pares e grande interesse por este

tipo de relações, a sua excessiva ansiedade tipicamente associa-se a um desempenho interpessoal pobre e limitado, e consequente desinteresse dos pares (Seiffge-Krenke, 2006).

3. Relações amorosas na adolescência

Para além das mudanças desenvolvimentais na adolescência ao nível das relações com os pais e pares já descritas, este período é ainda caracterizado pela emergência de relações amorosas (Carver, Joyner, & Udry, 2003; Furman & Shomaker, 2008), constituindo-se as mesmas, tipicamente, como focos centrais da atenção e ação do adolescente, que lhe conferem o necessário sentido de pertença (Collins, 2003).

Na perspetiva de Allen (2008), uma das funções mais importantes das relações com os pares na adolescência prende-se com o facto de as mesmas se constituírem como expansão da rede social do adolescente, viabilizando a constituição de relações de cariz amoroso que se assumam enquanto relações de vinculação com um carácter de grande estabilidade ao longo da vida adulta (Ainsworth, 1989; Collins, & Van Dulmen, 2006; Furman, Simon, Shaffer, & Boucher, 2002). O desenvolvimento de relações amorosas, mutuamente reconhecidas (Collins, 2003) não decorre apenas do estabelecimento de relações com os pares, mas também do desenvolvimento do sistema sexual/reprodutivo que na adolescência assume um nível de maturação e ativação nuclear (Furman, Brown, & Feiring, 1999; Hazan & Shaver, 1987; Shaver, Hazen, & Bradshaw, 1988). Assim, a articulação entre o sistema sexual e o sistema de vinculação cria condições favoráveis ao desenvolvimento de relações amorosas caracterizadas por afeto intenso, partilha de interesses e intimidade, podendo começar a assumir algumas funções de vinculação, à semelhança do que acontece com as relações com os pares. Ainda de acordo com Allen (2008), a componente sexual destas relações pode acentuar as condições para se tornarem relações de vinculação, uma vez que o envolvimento sexual proporciona oportunidades para a interação próxima, regular e

intensa, afeto positivo, intimidade, partilha de interesses, histórias, afetos e experiências. Na fase final da adolescência é já possível encontrar relações amorosas entre adolescentes que apresentam algumas das características das relações de vinculação propostas por Ainsworth (1982): procura de proximidade e protesto face à separação. Furman e Wehner (1994) consideram que as relações amorosas na adolescência servem quatro tipos de necessidades: sexuais, afiliação, vinculação, e cuidados. A integração destas necessidades no contexto das relações amorosas ocorre no decurso da adolescência, à medida que as mudanças desenvolvimentais vão sendo concretizadas (Furman & Shomaker, 2008). Assim, numa fase inicial da adolescência as relações amorosas tendem a satisfazer essencialmente as necessidades sexuais e de afiliação (companhia, divertimento), mas à medida que os adolescentes progridem na sua trajetória desenvolvimental e ganham em termos de complexidade e competência em diferentes domínios, estas relações tornam-se mais estáveis e o/a companheiro/a assume maior relevo na hierarquia das figuras de vinculação, pelo que na fase final da adolescência e início da juventude as relações amorosas começam a satisfazer necessidades de suporte/vinculação e cuidados (Scharf & Mayselless, 2001).

Esta mudança associa-se à alteração da primazia das figuras parentais enquanto figuras de vinculação, dado que o companheiro/a tende a assumir nesta fase desenvolvimental uma posição cimeira na hierarquia (e.g., Scharf & Mayselless, 2007). Verifica-se assim neste período desenvolvimental a transferência das funções de vinculação dos pais para os pares e, depois, de um modo diferenciado e seletivo, para os companheiros amorosos (Hazan & Zeifman, 1994).

A alternância por parte do adolescente de papéis de procura e de prestação de suporte e cuidados constitui-se como um dos elementos distintivos das relações entre o adolescente e os seus pares, sejam eles amigos ou parceiros amorosos (Collins & Steinberger, 2006; Scharff & Mayselless, 2001) quando contrastadas com as relações estabelecidas com os pais, de natureza mais assimétrica e, nesse sentido, menos igualitária (Furman & Shomaker, 2008).

As diferenças individuais ao nível da qualidade da organização da vinculação estão também associadas à natureza e qualidade das relações amorosas na adolescência, sendo as mesmas assumidas como influenciadas pelas relações prévias que o adolescente desenvolveu com pais e pares (Collins & Sroufe, 1999; Zimmer-Gembeck & Ducat, 2010). Nesta linha, Furman e colaboradores (2002) verificaram similaridades significativas entre os modelos internos dinâmicos das relações amorosas dos adolescentes e os modelos internos dinâmicos das relações com os pais, encontrando posteriormente (Furman & Shomaker, 2008) similitudes na interação que o adolescente estabelecia quer com os pais quer com os pares, fossem eles amigos ou companheiros amorosos.

Adolescentes com uma organização de vinculação segura apresentam interações diádicas positivas com o(a) companheiro(a) (Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe, & Collins, 2001) e maior capacidade para relações amorosas íntimas e calorosas (Scharf, Maysel, & Kivenson-Baron, 2004). Estes adolescentes evidenciam capacidade de recorrer ao companheiro(a) ante situações geradoras de *stress* e apresentam-se disponíveis para lhe prover suporte (Collins & Sroufe, 1999). Num estudo conduzido com uma amostra de risco com adolescentes com 16 anos, a vinculação segura estava relacionada com o início mais tardio da atividade sexual (O'Beirne & Allen, 1996), com menor número de parceiros sexuais e maior uso de contraceptivos (Moore, 1997), sendo de considerar que o conforto que adolescentes seguros evidenciam na expressão de afeto seja transposto para o modo como experienciam a atividade sexual (Robins, Tracy, & Shaver, 2001). Estudos de observação de casais adolescentes em interação reuniram evidências que apontam para a maior capacidade de adolescentes seguros proporcionarem apoio emocional, aceitar o contacto físico, mostrar maior satisfação e compromisso e gerir melhor o conflito com o parceiro (Simpson, 1999).

Por seu turno, os adolescentes com uma vinculação de tipo preocupada evidenciam muita ansiedade nas relações, aumentando a probabilidade de adotar comportamentos de grande insegurança e ciúme e de envolvimento sexual com o companheiro dirigido a reduzir a insegurança experienciada

(Schachner & Shaver, 2004). Tendo como matriz a dificuldade que estes adolescentes teriam ao nível da regulação emocional, ao anteciparem a interação com os outros como imprevisível, Miga e colaboradores (2010) verificaram que adolescentes avaliados como preocupados recorriam a estratégias interpessoais nas relações amorosas caracterizadas por agressividade verbal, como insultos, manipulação e culpabilização. Estes autores postulam ainda que tais estratégias de elevada expressão de afeto negativo, nomeadamente raiva, poderiam ter como finalidade certificar-se de que o companheiro estava emocionalmente envolvido na relação, antecipando com elevado protesto a potencial perda da relação. Importa atentar às implicações desta dificuldade no processo de regulação emocional, dado que a investigação tem vindo a evidenciar que problemas a este nível se associam a funcionamento desadaptativo em fases ulteriores do desenvolvimento individual e relacional (Hershenberg et al., 2010).

No âmbito das relações amorosas na adolescência, também os adolescentes com uma organização de vinculação de tipo desligado parecem evidenciar dificuldades no processo de regulação emocional. A investigação aponta para que estes adolescentes tendam a evitar o compromisso emocional, não procurando ativamente o companheiro para suporte ou apoio e manifestando dificuldade no reconhecimento das necessidades do companheiro (Collins & Sroufe, 1999). A adoção de estratégias de distanciamento está frequentemente presente nas interações que estes adolescentes estabelecem com o companheiro, nomeadamente ao evitar discutir diretamente tópicos tidos como relevantes para a relação (Miga, Hare, Allen, & Manning, 2010), podendo o companheiro perceber o seu comportamento como desinvestimento e não envolvimento emocional. Ao nível do comportamento sexual, os adolescentes avaliados como desligados tendem a apresentar uma iniciação sexual mais precoce e com maior promiscuidade, sem o necessário envolvimento emocional associado (Belsky, 1999; Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe, & Collins, 2001; Tracy, Shaver, Albino, & Cooper, 2003). Nesta linha, destaque para a reflexão de Collins (2003), diferenciando relações amorosas em que o envolvimento sexual se constitui como um elemento da

relação, das relações amorosas em que tal envolvimento se assume como o único elemento da relação, negligenciando as necessidades do sistema de vinculação e de prestação de cuidados e surgindo, assim, desintegrado.

Conclusões

Como Ainsworth (1989) salientou “the hormonal, neurophysiological, and cognitive changes lead the young person to begin a search for a partnership with an age peer, usually of the opposite sex – a relationship in which the reproductive and caregiving systems, as well as the attachment system, are involved” (p. 710), parece, pois, evidente que as transformações desenvolvimentais (físicas, cognitivas) da adolescência criam o contexto ótimo para transformações ao nível das relações de vinculação. Neste sentido, a investigação no âmbito da teoria da vinculação tem reunido evidências sistemáticas que sustentam a existência de um padrão desenvolvimental típico deste período de vida no que se refere às relações interpessoais: a transferência das funções da vinculação dos pais (primeiras e principais figuras de vinculação na infância) para os pares e parceiros amorosos. Globalmente, este processo parece sugerir que a(s) trajetória(s) desenvolvimental(ais) na adolescência envolve dois grandes processos: (1) esbatimento da relevância das relações de vinculação para a sobrevivência da pessoa e (2) diversificação do investimento(s) emocional com conseqüente expansão da rede de relações interpessoais significativas. Ou seja, o que nas palavras de Allen e Miga (2010, p. 187) é conceptualizado como “*attachment grown up*”. Assim, o adolescente transfere o investimento emocional dos pais para os pares e parceiros amorosos, não para substituir completamente os pais enquanto figuras de vinculação, mas para diversificar/expandir a sua hierarquia de figuras de vinculação. Esta mudança desenvolvimental constitui-se como fundamental para que o adolescente ganhe autonomia e desenvolva competências essenciais para responder adaptativamente às exigências desenvolvimentais da vida adulta, nomeadamente o estabelecimento de relações íntimas, a parentalidade e a

formação/educação superior e conseqüente assunção de responsabilidades profissionais (Faria, 2008).

Cassidy (2001) define quatro competências centrais para o desenvolvimento da capacidade para estabelecer e manter relações íntimas, como a capacidade para: i) procurar cuidados; ii) prover cuidados, iii) sentir-se confortável enquanto *self* autónomo e iv) negociar. Atendendo aos pressupostos conceptuais de Bowlby e à profícua investigação que deles decorre, pode-se considerar que adolescentes com uma representação segura das relações de vinculação sejam mais capazes de encetar e adequadamente manter tais comportamentos no contexto das suas relações do que evidenciam, ainda que distintamente, adolescentes avaliados como preocupados ou desligados, que se caracterizam pela rigidez na representação e inflexibilidade na interação com os pais, pares e parceiros amorosos (Allen et al., 2003; Furman, Simon, Shaffer, & Bouchey, 2002; Laible, Carlo & Roesch, 2002).

Constituindo-se a adolescência como um período desenvolvimental de significativa expansão da rede interpessoal do adolescente (Collins, 2003), e em que se enceta o processo de integração dos sistemas comportamentais de vinculação, cuidados e sexual (Rubin, Bukowski, & Laursen, 2009), a qualidade com que a mesma decorre está profundamente relacionada com a qualidade das relações de vinculação precoces, e associar-se-á ao modo como o indivíduo será posteriormente capaz de responder às tarefas desenvolvimentais na idade adulta (Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007). Em acréscimo, e não obstante a asserção de Bowlby, com ampla sustentação empírica, de que a capacidade do indivíduo em estabelecer relações significativas do ponto de vista emocional decorre fortemente da qualidade das interações estabelecidas na infância com as figuras de vinculação, importa não descurar o papel que o *Outro relacional* desempenha na mudança dos modelos internos dinâmicos. Neste sentido, sublinhe-se o carácter diádico subjacente ao seu desenvolvimento (Bretherton & Munholland, 1999) e revisão (Lima, 2009; Sampson, 2004), não negligenciando tampouco que tal revisão e mudança

se associem às especificidades das tarefas desenvolvimentais expectáveis neste período (Weinfield, Sroufe, & Egeland, 2000).

Referências

- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy, & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Ed., pp. 419-435). New York: Guilford Press.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Allen, J. P., & Miga, E. M. (2010). Attachment in adolescence: A move to the level of emotion regulation. *Journal of Social and Personal Relationships*, *27*, 181-190.
- Allen, J. P., Moore, C. M., & Kuperminc, G. P. (1997). Developmental approaches to understanding adolescent deviance. In S. S. Luthar & J. A. Burack (Eds.), *Developmental psychopathology: Perspectives on adjustment, risk, and disorder* (pp. 548-567). New York: Cambridge University Press.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development*, *65*, 179-194.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. M., O'Beirne-Kelley, H., & Kilmer, S. L. (2003). A secure base in adolescence: Markers of attachment security in the mother-adolescent relationship. *Child Development*, *74*, 292-307.

- Allen, J. P., Moore, C. M., Kuperminc, G. P., & Bell, K. L. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development, 69*, 1406-1419.
- Allen, J. P., Porter, M., McFarland, C., McElhaney, K. B., & Marsh, P. (2007). The relation of attachment security to adolescents' paternal and peer relationships, depression, and externalizing behavior. *Child Development, 78*, 1222-1239.
- Ammaniti, M., Van Ijzendoorn, M. H., Speranza, A. M., & Tambelli, R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: An exploration of stability and change. *Attachment and Human Development, 2*(3), 328-346.
- Becker-Stoll, F., Delius, A., & Scheitenberger, S. (2001). Adolescents' nonverbal emotional expressions during negotiation of a disagreement with their mothers: An attachment approach. *International Journal of Behavioral Development, 25*, 344-353.
- Belsky, J. (1999). International and contextual determinants of attachment security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 249-264). New York: Guilford.
- Berger, L. E., Jodl, K. M., Allen, J. P., McElhaney, K. B., & Kuperminc, G. P. (2005). When adolescents disagree with others about their symptoms: Differences in attachment organization as an explanation of discrepancies between adolescent-parent, and peer-reports of behavior problems. *Development and Psychopathology, 17*, 509-528.
- Bernier, A., Larose, S., & Whipple, N. (2005). Leaving home for college: A potentially stressful event for adolescents with preoccupied attachment patterns. *Attachment and Human Development, 7*, 171-185.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Sadness and Depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1968). *Attachment and Loss, Vol. I: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I., & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.),

- Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Carver, K., Joyner, K., & Udry, R. J. (2003). National estimates of adolescent romantic relationships. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relationships and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 23-56). Mahwah, NJ: LEA.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3, 121-155.
- Cassidy J., Kirsh S. J., Scolton K. L., & Parke, R. D. (1996). Attachment and representations of peer relationships. *Developmental Psychology*, 32, 892-904.
- Collins, W. A. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 1-24.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2000). Adolescent relationships: The art of fugue. In C. Hendrick, & S. Hendrick (Eds.), *Sage sourcebook on close relationships* (pp. 59-70). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Collins, W.A., & Repinski, (1994). Relationships during adolescence: Continuity and change in interpersonal perspective. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 7-36). London: Sage.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, C. Feiring, & B. B. Brown (Eds.), *Contemporary perspectives on adolescent romantic relationships* (pp. 123-147). New York: Cambridge University Press.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In N. Eisenberg (Ed.), *Social, emotional, and personality development* (pp. 1003-1067). New York: Wiley.
- Collins, W. A., & Van Dulmen, M. H. M. (2006). Friendships and romantic relationships in emerging adulthood. In J. J. Arnett & J. Tanner (Ed.), *Emerging adult in America: Coming of age in the 21st Century* (pp. 219-234). Washington, DC: APA.
- Crittenden, P. M. (1992). Quality of attachment in the preschool years. *Development and Psychopathology*, 4, 209-241.

- Crowell, J. A., & Waters, E. (1994). Bowlby's theory grown up: The role of attachment in adult love relationships. *Psychological Inquiry: An International Journal of Peer Commentary and Review*, 5, 31-34.
- Faria, C. (2008). Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos. Tese de Doutorado (não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Fisher, H. E. (1992). *Anatomy of love*. New York: Norton
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Furman, W., & Shomaker, L. (2008). Patterns of interaction in adolescent romantic relationships: Distinct features and links to other close relationships. *Journal of adolescence*, 31, 771-788.
- Furman, W. E., Brown, B. B., & Feiring, C. (1999). *The development of romantic relationships*. New York: Cambridge University Press.
- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey, H. (2002). Adolescents working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73(1), 241-255.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. Montmayer, G. R. Adams & G. P. Gullota (Eds.), *Advances in adolescent development: Personal relationships during adolescence* (Vol. 6, pp. 168-175). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gavin, L. A., & Furman, W. (1996). Adolescent girls' relationships with mothers and best friends. *Child Development*, 67, 375-386.
- Gavin, L. A., & Furman, W. (1989) Age differences in adolescents' perceptions of their peer groups. *Developmental Psychology*, 25, 827-834.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984). *Attachment interview for adults*. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley.
- Hartup, W. W. (1992). Peer relations in early and middle childhood. In V. B. Van Hasselt, & M. Hersen (Eds.), *Handbook of social development: A lifespan perspective* (pp. 257-281). New York: Plenum Press.

- Hartup, W. W., & Laursen, B. (1999). Relationships as developmental contexts. Retrospective themes and contemporary issues. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *The Minnesota symposia on child psychology: Relationships as developmental contexts* (Vol. 29, pp. 13-35). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachment: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). NY: The Guilford Press.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 5, pp. 151-180). London: Jessica Kingsley.
- Hazan, C., Hutt, M. J., Sturgeon, J., & Bricker, T. (1991, April). *The process of relinquishing parents as attachment figures*. Paper presented at the biennial meetings of the Society for Research in Child Development, Seattle, WA.
- Hershenberg, R., Davila, J., Yneda, A., Starr, L. R., Miller, M. R., Stroud, C. B., & Feinstein, B. A. (2010). What I like about you: The association between adolescent attachment security and emotional behavior in a relationship promoting context. *Journal of Adolescence*, 34, 1017-1024.
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Kobak, R., & Cole, C. (1994). Attachment and meta-monitoring: Implications for adolescent autonomy and psychopathology. In D. Cicchetti (Ed.), *Rochester symposium on development and psychopathology* (Vol. 5: *Disorders of the self*, pp. 267-297). Rochester, NY: Rochester University Press.
- Kobak, R., & Duemmler, S. (1994). Attachment and conversation: A discourse analysis of goal-corrected partnerships. In D. Perlman & K. Bartholomew (Eds.), *Advances in the study of personal relationships* (Vol. 5, pp. 121-149). London: Jessica Kingsley Publishers.

- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in later adolescence: Working models, affect regulation, and perceptions of self and others. *Child Development*, *59*, 135-146.
- Kobak, R., Rosenthal, N. L., Zajac, K., & Madsen, S. D. (2007). Adolescent attachment hierarchies and the search for an adult pair-bond. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *117*, 57-72.
- Kobak, R., Rosenthal, N., & Serwik, A. (2005). The attachment hierarchy in middle childhood: Conceptual and methodological issues. In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.
- Kobak, R., Cole, H., Fleming, W., Ferenz-Gillies, R., & Gamble, W. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem-solving: A control theory analysis. *Child Development*, *64*, 231-245.
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, *43*, 1185-1197.
- Laible, D., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2002). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Faculty Publications, Department of Psychology*. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/psychfacpub/315>. Acedido a 20 de Outubro de 2012.
- Larose, S., & Bernier, A. (2001). Social support processes: Mediators of attachment state of mind and adjustment in late adolescence. *Attachment & Human Development*, *3*, 96-120.
- Larson, R. W., Richards, M. H., Moneta, G., Holmbeck, G., & Duckett, E. (1996). Changes in adolescents' daily interactions with their families from ages 10 to 18: Disengagement and transformation. *Developmental Psychology*, *32*, 744-754.
- Lima, V. S. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interação diádica em adultos*. Tese de Doutorado (não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Main, M., & Goldwyn, R. (1984/1998). Adult attachment scoring and classification systems. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley.

- Main, M., Goldwyn, R., & Hesse, E. (2003). *Adult attachment classification system Version 7.2*. Unpublished manuscript, University of California, Berkeley.
- Miga, E. M., Hare, A., Allen, J. P., & Manning, N. (2010). The relation of insecure attachment states of mind and romantic relationships. *Attachment and Human Development, 12*(5), 463-481.
- Moore, C. W. (1997). *Models of attachment, relationships with parents, and sexual behavior in at-risk adolescents*. Unpublished doctoral dissertation, University of Virginia.
- O'Beirne, H. A., & Allen, J. P. (1996, March). *Adolescent sexual behavior: Individual, peer and family correlates*. Paper presented at the biennial meeting of the Society for Research on Adolescence, Boston.
- Pearson, J. A., Cohn, D. A., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (1994). Earned and continuous-security in adult attachment: Relation to depressive symptomatology and parenting style. *Development and Psychopathology, 6*, 359-373.
- Priel, B., Mitrany, D., & Sahar, G. (1998). Closeness, support and reciprocity: A study of attachment styles in adolescence. *Personality and Individual Differences, 25*, 1183-1197.
- Robins, R. W., Tracy, J. L., & Shaver, P. R. (2001). *Psychological Inquiry, 12*, 230-236.
- Roisman, G. I., Madsen, S. D., Henninghausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behaviour across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment and Human Development, 3*(2), 156-172.
- Rosenthal, N., & Kobak, R. (2010). Assessing adolescents' attachment hierarchies: differences across developmental periods and associations with individual adaptation. *Journal of Research on Adolescence, 20*(3), 678-706.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Laursen, B. (Eds.) (2009). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: Guilford.
- Sampson, M. (2004). *Continuity and change in patterns of attachment between infancy, adolescence and early adulthood in a high risk sample*. Unpublished doctoral dissertation, University of Minnesota, Minneapolis.

- Seiffge-Krenke, I. (2006). Leaving home or still in the nest? Parent-child relationships and psychological health as predictors of different leaving home patterns. *Developmental Psychology, 42*(5), 864-876.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and motives for sex. *Personal Relationships, 11*, 179-195.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: A new look at developmental processes of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent Development, 117*, 1-22.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2005, April). *Away from home: Adolescents' attachment representations and adaptation to the leaving-home transition*. Paper presented at the biennial meeting of Society for Research in Child Development, Atlanta, GA.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2004, July). *Relationships between parents and their emerging adults' children: Do these hearts grow fonder?* Paper presented at the Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioral Development, Ghent, Belgium.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2001). The capacity for romantic intimacy: Exploring the contribution of best friend and marital and parental relationships. *Journal of Adolescence, 24*, 379-399.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology, 40*, 430-444.
- Schneider, B. H., & Younger, A. (1996). Adolescent-parent attachment and adolescents' relations with their peers: A closer look. *Youth and Society, 28*, 95-108.
- Scholte, R., Van Lieshout, C., & Van Aken, M. (2001). Perceived relational support in adolescence: Dimensions, configurations, and adolescent adjustment. *Journal of Research on Adolescence, 11*, 71-94.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale University Press.

- Simpson, J. A. (1999). Attachment theory in modern evolutionary perspective. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 115-140). New York: Guilford.
- Soares, I. (2002). *A vinculação vinculada. Lição Síntese*. Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia. Manuscrito não publicado. Braga: Universidade do Minho.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: Mãe-filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Sroufe, L. A. (1996). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. New York: Cambridge University Press.
- Sroufe, A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W.A. (2005). *The Development of the Person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: The Guilford Press.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. Feldman & G. Elliot (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Steinberg, L., & Silk, J. (2002). Parenting adolescents. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Volume 1: *Children and parenting*, 2nd ed., pp. 103-133). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Tracy, J. L., Shaver, P. R., Albino, A. W., & Cooper, M.L. (2003). Attachment styles and adolescent sexuality. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romance and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 137-159). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Waters, H., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197.
- Weimer, B. L., Kerns, K. A., & Oldenburg, C. M. (2004). Adolescents' interactions with a best friend: Associations with attachment style. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88, 102-120.
- Weinfeld, N., Sroufe, A., & Egeland, B. (2000). Attachment from in infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71 (3), 695-702.

- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the lifecycle* (pp. 66–76). New York: Routledge.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). London: Tavistock.
- Zarit S. H., & Eggebeen, D. J. (1990). Parent-child relationships in adulthood and later years. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (pp. 135-161). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Zimmer-Gembeck, M., & Ducat, W. (2010). Positive and negative romantic relationship quality: Age, familiarity, attachment and well-being as correlates of couple agreement and projection. *Journal of Adolescence*, 3, 879-890.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 8, 83-101.